

Estuprador deixa moradores de Capão da Onça em pânico

Sebastião Pedra

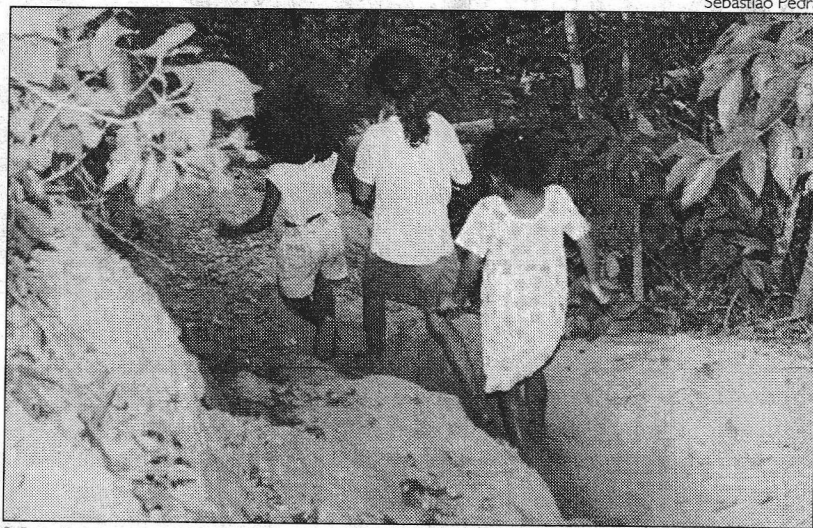
Capão da Onça é uma comunidade isolada de Brasília. Lá não passa ônibus, nem há telefone. Os moradores andam cerca de seis quilômetros até a parada mais próxima, em Sobradinho dos Melos. Segunda-feira, como de costume, L.A.J., 12 anos, estava na beira da estrada esperando por Antônia, uma moradora da comunidade que tem carro e sempre leva os meninos para a escola, no Paranoá. Ela perdeu a carona. Foi rendida por um homem armado com um revólver, uma espingarda e uma faca, minutos antes de avistar a poeira do carro da amiga. L. foi violentada durante três horas. Por uma distração do maníaco, conseguiu fugir. A polícia já identificou um suspeito e está à sua procura.

Eram 7h da manhã quando L. foi atacada. O homem, de estatura mediana, magro e moreno, com tatuagens no peito e nos braços, arrastou a menina até uma manilha no canto da estrada. Como o espaço era pequeno, o tarado decidiu levar L. para cima de um morro onde ficaram mais de duas horas até ele sentir sede e pedir que a garota fosse buscar água.

Ela estava perto de casa, a ousadia do criminoso intrigou a polícia. Após caminhar alguns metros por dentro de uma gruta, sendo seguida de longe pelo maníaco, avisou a casa do vizinho. Correu sem olhar para trás. Conseguiu escapar.

O vizinho Izaías Gomes Santos, 29 anos, disse que a menina estava muito ofegante, pálida e trêmula. "Eu perguntei o que tinha acontecido. Ela me falou que tinha sido agarrada por um cara. Me desesperei. Perguntei se ele tinha abusado dela. Ela disse que ele tinha feito de tudo", contou angustiado.

Izaías tentou perseguir o bandido mas desistiu quando L. infor-



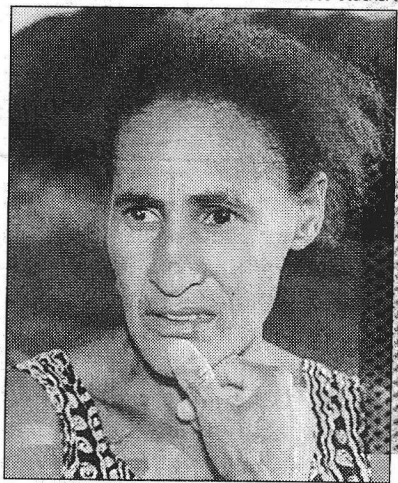
Menina escapou do tarado por este trilho, no meio da mata

Francisco Stuckert

rou que o homem estava armado. Ele buscou ajuda. Chamou outros moradores da comunidade para uma caçada. Não conseguiram encontrar ninguém. "Agora, com a cabeça mais fria, acho que foi até melhor. Se a gente pega esse cara, não sobra nada. Ia ser mais uma tragédia. Senti a dor como se ela fosse minha filha", lamenta.

A mãe de L., Osvaldina dos Santos, está inconformada. Tudo que pede é que o criminoso seja preso e pague pelo que fez. "Ele falava para minha filha que queria se casar com ela. Perguntou se ela não tinha outras coleguinhas, que ele estava acostumado a fazer isso com as meninas", revolta-se.

Agora, a insegurança amedronta os 480 moradores da comunidade de Capão da Onça. Adeilsa Maria Ferreira, 29 anos, está assustada com a violência. "Moro aqui há sete anos e nunca vi uma coisa tão bárbara. Enquanto esse homem não for preso não teremos mais sossego. A gente tem que fazer esse percurso todo dia. Nossos filhos precisam ir para a escola. Nossa vida virou um tormento", desabafa.



A mãe, Osvaldina: sem sossego

Para Adeilsa, se ali tivesse uma linha de ônibus nada disso teria acontecido. "Os meninos iam estar todos juntos. Não iam precisar ficar sozinhos na beira da estrada esperando alguém passar. Aqui nem telefone a gente tem, uma ou outra pessoa tem celular, numa emergência dessas a gente fica de mãos atadas", reclama.

DANIELA MENDES

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA